"INVESTIGARTE": A ARTE NA ESCUELA PEDAGÓGICA EXPERIMENTAL MOVIMENTANDO EXPERIÊNCIAS E ENCONTROS

Patrícia da Costa[1]
Bruna Elisa Wermann[2]
Morgana Domênica Hattge[3]

Artes plásticas, música, dança, teatro, e tantas outras possibilidades de criar e expressar configuram uma teia de representações artísticas em que há variedade ou diversidade. Estas, quando apreciadas, são vivenciadas através de encontros. Os encontros oportunizam experiências por meio de movimentos que impactam as relações cotidianas com o eu e com o outro.

Tendo em vista estas considerações, nos questionamos: Quais possibilidades de encontros podem acontecer ao pensarmos a arte e suas diferentes representações num contexto de sustentabilidade? Quais formas de criação e expressão podem ser construídas? Como estas experiências constituindo subjetividades podem afetar?

Caminhos Teóricos: Primeiras Investigações

> *La especialización de artes tiene su origen en la inquietud que se tenía entre el grupo de maestros de artes, alrededor del cómo brindar mayores alternativas de formación a aquellos estudiantes que por diversas razones tenían expectativas sobre una disciplina artística particular, y que en muchas ocasiones veían las clases separadas, como espacios que no satisfacían su necesidad de creación y de expresión* (SEGURA, 1999, p. 209).

Partimos desta problemática inicial sobre o "ensino" da arte na escola apontada por Segura (1999) para situar nosso olhar e nossa motivação para o projeto de pesquisa desenvolvido. A "[...] *necesidad de creación y de expresión*" (SEGURA, 1999) possibilitou aos professores da *Escuela Pedagógica Experimental* (EPE) a sensibilidade de pensar a arte e suas representações no currículo da escola. Como a arte poderia fazer parte da proposta pedagógica da EPE de maneira a contribuir com as construções de conhecimento dos alunos?

A partir deste olhar atento às necessidades de criar e expressar, a arte passou a ser contemplada no cotidiano da EPE provocando movimentos de criticidade por parte dos alunos. De acordo com as percepções de Segura (1999), questionamentos geraram reflexões: "*Qué es entonces arte? Quién define qué es arte y qué no?*" (p. 211).

Antes de seguir por este caminho, no Brasil, assim como na EPE, a arte também é problematizada. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) que tratam especificamente de Arte, salientam perguntas que permeiam, inclusive na contemporaneidade, o ensino da Arte e as práticas docentes:

> Atualmente, professores de todos os cantos do mundo se preocupam em responder perguntas básicas que fundamentam sua atividade pedagógica: "Que tipo de conhecimento caracteriza a arte?", "Qual a função da arte na sociedade?", "Qual a contribuição específica que a arte traz para a educação do ser humano?", "Como as contribuições da arte podem ser significativas e vivas dentro da escola?" e "Como se aprende a criar, experimentar e entender a arte e qual a função do professor nesse processo?" (BRASIL, 1997, p. 16).

1 Univates. Pedagogia, patriciaunivates@hotmail.com
2 Univates. Pedagogia, bruna_wermann@yahoo.com.br
3 Profa. Dra. na Univates, mhattge@univates.br

Ao iniciarmos os estudos sobre a proposta pedagógica da *Escuela Pedagógica Experimental*, percebemos a arte como uma possibilidade potente perpassando os processos de ensino e de aprendizagem. Representações artísticas diversas, como o teatro, a música, a literatura, as artesanias[4], a expressão corporal e as artes plásticas compõem este cenário educacional preocupado com o todo e com as particularidades de cada um.

Nessa perspectiva, optamos pelo tema "A arte no currículo da *Escuela Pedagógica Experimental*" como norteador da nossa pesquisa. Como é possível perceber as múltiplas manifestações da Arte no currículo da EPE? Na esteira das investigações, pensar a arte neste ambiente educativo poderia ter relações com encontros.

Os encontros abrem um leque de construções intrapessoais e interpessoais, pressupondo interações com o eu e com os outros. Ainda, encontros com o inesperado, com o que possa possibilitar experiências. Destacaremos alguns conceitos atrelados a encontros e experiência que vão acrescentar às nossas reflexões.

Quando nos referimos a encontros, remetemos à cartografia como um elemento de pesquisa que produz dados e/ou informações peculiares, íntimas, próprias de cada um. O pesquisador, ao exercitar suas dúvidas investigando outras possibilidades, depara-se com encontros. Costa (s/p) explica com clareza a relação entre a cartografia e o encontro:

> Se pudéssemos apresentar um elemento fundamental para uma prática cartográfica, este seria o encontro. Entretanto é preciso que a gente vá além da noção comum de encontro como um "encontrar" algo ou "achar" alguém – alguma coisa. O encontro, da forma como aqui falaremos, é da ordem do inusitado e nunca se faz sem um grau de violência (é claro que não estamos falando de uma violência física; mas de um movimento que é violento porque nos desacomoda e nos faz sair do mesmo lugar) (s/p).

Desacomodar-se implica repensar, permitir outros olhares sobre determinadas coisas ou situações, abrir-se para perspectivas sociais, culturais e educacionais diferentes daquelas que já conhecemos, buscando desvincular-se da defesa intrapessoal de suas crenças e cultura. E isto acontece à medida que encontros ocorrem e nos afetam.

Sob essa ótica, é possível vincular o conceito de encontro com experiência. Um encontro, quando produz algum efeito, torna-se uma experiência. Larrosa (2002) vislumbra a experiência como uma possibilidade de encontro com algo que movimenta e desacomoda nosso pensar: "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca" (p. 21).

Aprofundando um pouco mais sobre o conceito de encontros, Barros (2008) escreve com simplicidade:

> Um fotógrafo-artista me disse outra vez: Veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós (p. 109).

O olhar de Barros acerca dos encontros e das experiências que nos afetam está imerso por sensibilidades. Tendo em vista estas primeiras investigações teóricas, nos propomos a pensar em construções por meio dos possíveis encontros com a arte no currículo da *Escuela Pedagógica Experimental*. Buscando aprender, mas também contribuir, pretendemos relacionar a arte no Brasil e na Colômbia através da "*creación y expresión*" (SEGURA, 1999) artística.

4 As artesanias na EPE são as artes mais ligadas aos trabalhos manuais, como por exemplo, a confecção de pulseiras com linha e miçangas, que é bastante frequente na escola.

Para Seguir O Diálogo... A Arte No Brasil

No Brasil, a Lei nº 9.593, Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, sancionada em 1996, assegura no art. 26º, § 2º: "O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos".

De acordo com a LDB, o ensino da arte nas escolas é um direito dos alunos que frequentam a educação básica. Dentro deste panorama, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, elaborados no ano de 1997, justificam a importância deste componente curricular no ensino:

> A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 1997, p. 14).

Tal como definida na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a arte e seus movimentos na educação possibilitam criar e expressar. Neste viés, encontros podem acontecer a qualquer momento, provocando experiências que atravessam tempos e espaços culturais.

Talvez possamos nos deixar tomar pelas palavras de Martins, Picosque e Guerra (1998) quando afirmam que a comunicação entre os povos não se dá apenas por palavras.

> A comunicação entre as pessoas e as leituras de mundo não se dão apenas por meio da palavra. Muito do que sabemos sobre o pensamento e o sentimento das mais diversas pessoas, povos, países, épocas são conhecimentos que obtivemos única e exclusivamente por meio de suas músicas, teatro, poesia, pintura, dança, cinema etc. (p. 14).

Com estas considerações, é possível articular um trecho dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) com as ideias de Martins, Picosque e Guerra (1998). Ambos referenciais teóricos enfatizam a arte como uma linguagem capaz de ser compreendida por todas as pessoas, em diferentes contextos.

> As formas artísticas apresentam uma síntese subjetiva de significações construídas por meio de imagens poéticas (visuais, sonoras, corporais, ou de conjuntos de palavras, como no texto literário ou teatral). Não é um discurso linear sobre objetos, fatos, questões, ideias e sentimentos. A forma artística é antes uma combinação de imagens que são objetos, fatos, questões, ideias e sentimentos, ordenados não pelas leis da lógica objetiva, mas por uma lógica intrínseca ao domínio do imaginário. O artista faz com que dois e dois possam ser cinco, uma árvore possa ser azul, uma tartaruga possa voar. A arte não representa ou reflete a realidade, ela é realidade percebida de um outro ponto de vista (BRASIL, 1997, p. 23).

Assim, dentro do que nos interessa aqui, podemos perceber que a arte pode ser compreendida por muitos, mas seus efeitos são da ordem da subjetividade. Qualquer representação artística retrata a sensibilidade humana, os sentimentos, as manifestações que não poderiam ser expressas em palavras.

A Arte Tecendo Subjetividades: A Vida Contemporânea E Seus "Tempos"

> A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
>
> Nesse ponto sou abastado.
>
> Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.
>
> Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6h da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc, etc.

> Perdoai
>
> Mas eu preciso ser Outros
>
> Eu penso renovar o mundo usando borboletas (BARROS, 2010, p. 374).

As múltiplas representações da Arte possibilitam "renovar o mundo usando borboletas" (Barros). A metáfora da borboleta faz lembrar processos de transformações leves, sem pressa. Podem até ser dolorosos, mas se configuram aos poucos, a partir das relações com o meio social, cultural e educacional.

Sendo assim, em todos os espaços onde há presença de sujeitos, há movimentos de Arte. E quando se está presente, experiências acontecem aguçando a sensibilidade humana. Encontros com a Arte são experiências que envolvem sentimentos, sensações e emoções. O "tempo contemporâneo" é marcado por "tempos". Tempos acelerados, prazos, imposições que caracterizam o instantâneo e que substituem os "tempos" para apreciar as coisas.

Pensando nesses "tempos" e nas atuais experiências humanas, pode-se contar que a biografia do ser humano tem seus fundamentos encravados no atrevimento da investigação da pertinência de significado a tudo e a todos que estão a sua volta. Esses significados não deixam de ser signos artísticos que possibilitam o homem arquitetar sua poética pessoal, seu modo, seu jeito particular de demonstrar o seu olhar a propósito do mundo (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p. 46).

"*Perdoai. Mas eu preciso ser Outros*", diz Barros quando rejeita a possibilidade de ser um sujeito limitado. A Arte, através das suas formas de surpreender, é capaz de transformar em *Outros*. Nesta perspectiva, é preciso organizar o tempo e "lembrar" de ter tempo para experiências. Dentro deste panorama, a subjetividade está vulnerável aos encontros e desencontros com a Arte na vida contemporânea.

Nunes (2002) define arte como:

> [...] produto da *práxis*, como exteriorização da existência, a Arte é uma forma de ação, cujos efeitos se produzem de maneira indireta, oblíqua, na proporção da transparência do mundo que exprime. Revelando-nos o humano em sua variedade e profundeza, forçando-nos a interiorizar essa revelação e assimilá-la a experiência, ela age sobre a nossa maneira de sentir e pensar (NUNES, 2002, p. 87).

O grupo "Ecopoética[5] – A Possibilidade da Arte Sobre as Águas de Porto Alegre[6]", formado por membros da Universidade Federal do Rio Grande Sul[7] (UFRGS), propõe manifestar, por meio da Arte, o apelo ao cuidado com os ecossistemas aquáticos[8] da capital gaúcha.

> A pesquisa contempla uma investigação transdisciplinar entre teatro, dança, música, vídeo e suas interconexões; como forma de desenvolver linguagens paradigmáticas, poéticas e estético-filosóficas; buscando assimilar quais suas implicações para as práticas e concepções estéticas contemporâneas e quais suas relações com um futuro sustentável. Falamos aqui de buscar o resgate ecológico como uma nova fronteira para as artes cênicas, desenvolvendo uma poética transdisciplinar aqui denominada ECOPOÉTICA, e que venha a ampliar o papel das artes cênicas no desenvolvimento de uma cultura e de uma estética de sustentabilidade. (ECOPOÉTICA, 2014, texto digital).

A primeira performance do grupo, sobre as águas do Arroio Dilúvio, foi feita por um casal que ficou pendurado dentro de uma rede cheia de lixos, causando estranhamento ao público que

5 Intitulado "A possibilidade de arte sobre as águas de Porto Alegre", o projeto é financiado pelo Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural da Capital (Fumproarte).

6 Capital do Estado do Rio Grande do Sul.

7 Localizada em Porto Alegre, é uma Instituição de Ensino Superior Pública Federal.

8 Orla do Lago do Guaíba, Lado da ponte de pedra junto ao largo Açorianos, espelho d'água e chafariz do parque Farroupilha e Arroio Dilúvio.

circulava pelo local. O grupo oportunizou um encontro dos moradores da cidade com a situação alarmante de poluição das águas do Dilúvio.

Esta manifestação artística que provocou encontros, também abriu espaços para experiências, pois em cada encontro as pessoas transmitem algo e cada um se identifica com coisas diferentes, por isso, depois de um encontro não há quem retorne sem algum movimento, sem alguma manifestação por menor que seja. Quem deixou de "correr contra o tempo" para chegar ao trabalho e se permitiu observar os movimentos que aconteciam, pôde afetar-se, sensibilizar-se com um mundo de riqueza cultural e social.

> Percebendo tudo isso é visto que na linguagem da arte, há criação, construção, invenção. O ser humano, por meio dela, forma, transforma a matéria oferecida pelo mundo da natureza e da cultura em algo significativo. Atribui significados a sons, gestos, cores, com uma intenção, num exercício que mais parece um jogo de armar, um quebra-cabeça no qual se busca a forma justa. Vários caminhos são percorridos, várias soluções são experimentadas, num processo de ir e vir, um fazer/construir lúdico-estético que, embora comparado a um jogo, tem a diferença de que esse jogo e suas regras são inventados enquanto se jogo e por quem joga (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p. 47).

Segundo a autora Micheletti (1995) a arte estabelece uma ligação elevada "entre o homem e o mundo, desde suas origens, quando tinha maior relação com o mítico e com o sobrenatural" (p. 53). Atualmente, o homem afastou-se da natureza, e vive em um mundo que foi construindo do modo como queria, mesmo assim, percebe-se que a arte se conservou, e, se faz necessária, "pois doma as emoções, os instintos e continua estabelecendo elos entre o homem e a natureza e os homens entre si" (MICHELETTI, 1995, p. 54). Então, entende-se que a arte completa as ideias, explode nossos sentimentos, aviva o nosso entendimento, nosso raciocínio, difundindo conhecimento através da sensibilização. A arte "é criação, espécie de irrealidade que adensa a realidade, nos torna observadores de nós mesmos" (MICHELETTI, 1995, p. 54).

A EPE desenvolve, a partir de sua proposta pedagógica, o projeto *"Economía Azul"*, que realiza mobilizações que visam o racionamento de água principalmente no verão. Esta atividade envolve toda a comunidade escolar na busca por efetivas ações de sustentabilidade.

> *Hace varios años la EPE encontró que una de las alternativas más eficaces para superar las dificultades de abastecimiento de agua que se nos presentan durante los meses de intenso verano, es solicitar una pequeña colaboración a los hogares. En este sentido, desde años anteriores se ha propuesto como estrategia que cada niño una vez a la semana lleve un timbo o garrafa con agua proveniente de la llave de sus casas. Es importante mencionar, que para nosotros como Escuela esta estrategia tienen una gran riqueza pedagógica, pues además de obligarnos como comunidad a conocer nuestro contexto y observar de forma directa las relaciones que establecemos con él, nos permite reflexionar en torno al consumo apropiado y racional del agua* (EPE, 2014, texto digital).

Atrelando o projeto da *Escuela Pedagógica Experimental* com a manifestação artística do grupo Ecopoética, uma teia de saberes pode ser pensada e compartilhada por meio destas experiências em espaços e movimentos distintos. É importante frisar estes movimentos pela situação na qual se encontra o nosso planeta como um ponto em comum entre a cultura colombiana e a brasileira.

> *La "instalación" es una obra en la que el espacio donde se le coloca también significativo y los elementos dispuestos allí poseen, de igual manera, una significación propia de acuerdo con la lectura que de la obra haga el espectador; se enmarca dentro de las propuestas de arte conceptual contemporáneo.* (SEGURA, 1999, p. 219).

Percebemos aqui a aproximação com as ideias da manifestação artística do grupo Ecopoética (UFRGS), pois ele convoca as pessoas a provocar uma realidade, faz com que elas reflitam sobre o seu conhecimento e sintam-se comprometidas com o que está acontecendo.

Tais pressupostos nos permitem operar, metodologicamente, com a abordagem cartográfica. A cartografia configura-se como um método de pesquisa que investiga encontros e experiências

subjetivas, tendo assim, um elo com a arte. Isso fica mais claro na medida em que pensamos no próprio conceito de cartografia exposto por Deleuze e Guattari (1995), quando definem o processo cartográfico como "inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real" (p. 21).

Ao definirmos o conceito de cartografia como "uma experimentação ancorada no real", a partir da consistente teoria de Deleuze e Guattari (1995), percebemos pistas daquilo que é inusitado como uma característica. Alvarez e Passos (2009) abordam a cartografia salientando a expressão "habitar um território" (p. 135):

> Habitar um território existencial é uma das pistas do método cartográfico. Uma pista metodológica não é o mesmo que uma regra ou protocolo de pesquisa, não é um procedimento que se dita de antemão, mas requer um aprendizado *ad hoc*, passo a passo. Nesse sentido, lançamo-nos na pesquisa tal como se diz "lançamo-nos na água", sem perder de vista que tanto a pesquisa ela mesma quanto o campo pesquisado estão sempre num processo incessante de coprodução e coemergência. (ALVAREZ e PASSOS, 2009, p.147).

Os fundamentos teórico-metodológicos que norteiam as investigações deste projeto de pesquisa, aliados à arte na proposta curricular da EPE, nos possibilitam pesquisar sobre a temática relacionando-a com as nossas experiências. Possivelmente, os encontros que estão por vir serão exercício de (des)construções.

O presente projeto de pesquisa foi desenvolvido na *Escuela Pedagógica Experimental* (EPE), localizada em Bogotá, capital colombiana, no mês de maio de dois mil e catorze. Os estudos realizados para fundamentar teoricamente as investigações propostas, partiram de objetivos acadêmicos dos estágios curriculares do curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES, Lajeado/Rio Grande do Sul/Brasil.

Na EPE, quando realizamos o Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental II e o Estágio Supervisionado no Ensino Médio, nosso problema de pesquisa esteve centrado na arte e suas múltiplas representações no currículo da respectiva escola, atentando também às possíveis formas de criação e expressão que podem ser construídas no contexto de sustentabilidade.

Nossas investigações estiveram atentas às possibilidades de criação e expressão que configuram o enredo de representações artísticas e aos outros movimentos da arte como possibilidade de vivências, encontros e experiências que afetam as relações e constituem subjetividades através da sensibilidade. Nesta perspectiva, "Investigarte" remete a investigações a partir da arte sem receios de surpreender-se com o inesperado.

A Arte Na *Escuela Pedagógica Experimental*

Considerando as diversas aprendizagens construídas no período de estágios na EPE e atrelando o projeto da *Escuela Pedagógica Experimental* com a manifestação artística do grupo Ecopoética (UFRGS), aliando, ainda, sustentabilidade, arte e subjetividade, foi possível pensar em intervenções artísticas a serem criadas com os estudantes e professores.

As situações que enriqueceram os estágios foram, respectivamente: intervenção, exposição e sarau artísticos. A intervenção artística partiu de uma problematização de sustentabilidade e ações de recolhimento de lixos no bosque da EPE. Os lixos foram o foco da exposição, sendo colocados em pontos de estratégicos.

Palavras e frases foram utilizadas para causar impacto e reflexão sobre a situação que estava sendo retratada, tais como: "Existe vida sem vida?" e "Qual a EPE que queremos?". Além dessas problematizações, a organização de espelhos em meio aos lixos remetia à ideia do meio como reflexo do eu e eu como reflexo do meio.

O sarau artístico mobilizou a escolha de dizeres e reflexões sobre a vida, registros fotográficos feitos na intervenção no bosque e na exposição, e de elementos da natureza para serem arranjados

no principal ponto de encontro na EPE: a cafeteria. Nesse momento, ainda compartilhamos o chimarrão e músicas tradicionais brasileiras.

A partir desses encontros proporcionados pela arte e pelas experiências vividas foi possível perceber o envolvimento de todos da escola, o que marcou um grande encontro, refletido numa experiência única, remetendo a arte como uma motivação pessoal e de grupos que media a relação entre todos que fazem parte da EPE.

Foi possível vivenciar as possibilidades de encontros que podem acontecer ao pensarmos a arte, as diferentes representações artísticas num contexto de sustentabilidade, formas de criação e expressão que podem ser construídas, bem como percebeu-se como a arte afetam as pessoas e o meio, oportunizando encontros e movimentos que impactam as relações cotidianas, constituindo distintas formas de subjetivação.

Diante de diversas percepções, aprendemos a vivenciar a arte não como uma disciplina ou um momento do dia ou da semana que acontece com uma turma, mas como algo que permeia as práticas educativas da escola e as configura como potentes nos processos de construção de conhecimento.

Referências

ALVAREZ, Johnny. PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs). *Pistas do método da cartografia*: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, p. 131 – 149. 2009.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas*: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

_____. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BRASIL. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em <www.planalto.gov.br> Acesso em: 10 de abril de 2014.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais*: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997. p.130.

COSTA, Luciano Bedin da. *Cartografia*: uma outra forma de pesquisar. Setrem Faculdade Três de Maio. Aula ministrada pelo professor Luciano Bedin da Costa na Universidade Setrem.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

ECOPOÉTICA. *A possibilidade de arte sobre as águas de Porto Alegre*: projeto. Disponível em <http://projetoecopoetica.wordpress.com/about/>. Acesso em 11 de abril de 2014.

ESCUELA PEDAGÓGICA EXPERIMENTAL. *La EPE*: um proyecto cultural. Disponível em: http://www.epe.edu.co/. Acesso em: 02 de maio de 2014.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos*: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. *Didática do ensino da arte*: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MICHELETTI, Guaraciaba. O que é discurso artístico. In: ÂNGELO, Antônio; RIBEIRO, Alcides; SANCHEZ, Conceição; SANTOS, Joilma dos; SOARES, Zenaide

NUNES, Benedito. *Introdução da Filosofia da Arte*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SEGURA, Dino. *La construccion de la confianza*: una experiência en proyectos de aula. Bogotá: Escuela Pedagogica Experimental, 1999.